



PORTE PAGO

# Povo da Beira

Edição nº 149

Ano III

13.08.96

Preço: 100\$00

## Uma visita a Monsanto

Quando deparei com a aldeia que há algumas dezenas de anos foi reconhecida como *a mais portuguesa de Portugal*, tentei perceber porquê Monsanto. E percebi. Bonita, digna e abandonada.

Preparei-me para aceitar este trio. E ao subir ao castelo de pedras, apercebi-me que alguém se esforçava, com orgulho, perante turistas para exhibir naquelas lindas pedras amontoadas um perfil de focinho de um cão, uma velha a sorrir ou um dinossauro anão. Pareceu-me ver nesta atitude a intenção de levantar o olhar dos visitantes, desviando-o de feias realidades terrenas, qual vime fustigado pelo vento que dobra, mas não parte.

Desci as ruas. As casas com lápides nas paredes exteriores, recordando Namora, não foram suficientes para apagar a minha mágoa perante paredes em ruínas, telhados abatidos, casas desventradas ou, pior ainda, com portas de alumínio e janelas estendendo persianas brancas de insulto. Conheço a razão de tal situação, mas não posso aceitá-la numa época em que é possível resolver problemas com inteligência e respeito.

Prosegui a minha visita e ao parar numa loja de artesanato li nos olhos de quem me vendia a bengala tosca e queimada, mas cheia de alma sorridente, a expressão de alguém que dava a sua presença contínua, juntamente com duas centenas de habitantes, num sacrifício mudo e leve esperança que outros ventos do poder bafejassem a linda aldeia, entre pedras duras e corações leves.

Continuei o meu passeio e, de súbito, vi por cima da minha cabeça uma tabuleta onde se lia:

**'O café mais português'**. Tive a certeza que o seu autor reflectia o meu pensamento.

O tempo não perdoa e o meu dia temia que o relógio da torre da igreja apressasse o ponteiro das horas. Eu queria luz para ver Monsanto.

Quería ver os recantos maravilhosos onde mãos de fada do povo tinham trabalhado canteiros, completando a Natureza a tarefa gigantesca de crescerem flores nos sítios certos, já que nos lugares errados tinham sido implantados verdadeiros atentados.

Parecia-me que aquele pequeno mundo de toneladas de pedra se desfazia em mimos abraçado às casas feitas da vontade das gentes, simultaneamente com dureza e doçura.

Regressei a Alpedrinha onde me alojara, na intenção de me recolher nas imagens que registara, sem televisão, sem jornais, sem rádio.

Mas não resisti.

Rodei o botão do meu rádio portátil e tive a grata oportunidade de ouvir o *Rádio Clube de Monsanto*. O locutor entrevistava naquele momento um padre missionário que na ilha de Moçambique realizava a tarefa humanitária de ensinar, conviver e sofrer com os habitantes da ilha.

A certa altura, o locutor, sempre com questões muito oportunas e interessantes, levantou a questão das verbas destinadas a empreendimentos para benefício da população local e que não tinham sido aplicadas.

O missionário, com muito humor e simplicidade, própria dos espíritos grandes, respondeu: **"Sabe o que diz o povo sobre isso? Diz que o dinheiro é comido."**

José Manuel Franco Carretas  
Engenheiro Civil